

EXISTEM MONTANHAS EM MINAS GERAIS?

Allain Wilham Silva de Oliveira

Colégio de Aplicação - COLUNI
Universidade Federal de Viçosa
36570-000 Viçosa – MG – *Campus* Universitário
allain@ufv.br

Resumo: Alguns livros didáticos se referem ao Brasil como um país onde não existem montanhas. Como este conceito é rapidamente reproduzido, por diversos professores de Geografia no ensino básico, algumas revisões bibliográficas foram feitas para se definir o que realmente seja montanha e para comprovar a existência de montanhas em Minas Gerais, refletindo, ao mesmo tempo, sobre a necessidade da formação de docentes pesquisadores comprometidos com a prática escolar mediada pela investigação científica.

Palavras Chaves: Montanha, Professor, Geografia Escolar

Abstract: Some text books refer to Brazil as a country where mountains don't exist. As this concept is quickly reproduced by several teachers of Geography in the medium teaching, some bibliographical revisions were made to define what is really mountain and to prove the existence of mountains in Minas Gerais, contemplating, at the same time, about the need of the committed teachers' formation with the research.

Key Words: Mountain, Teacher, School Geography

Falares de Minas (Ana Teresinha Drumond Machado)

Falar de Minas é ler Carlos Drummond, Guimarães Rosa, Fernando Sabino, Murilo Mendes, Ziraldo, José Afrânio, Danilo de Abreu Lima... / Falar de Minas é andar por Tiradentes, São João del-Rei, Congonhas, Ouro Preto, Sabará, Jequitinhonha, / passar pelo Caraça, Catas Altas e vazar em Alvinópolis. / Falar de Minas é dourar o olhar com as Artes Barrocas: Profetas de Sabão, Basílica N. Sra. do Pilar, Igreja São Francisco, Igrejinha do Ó, Nossa Senhora do Rosário... / Falar de Minas é ouvir Peixe-Vivo, Ó Minas Gerais, Canção de Estudante, Cio da Terra, Aquarela do

Brasil, Interior.../ Falar de Minas é ouvir Sabiá, João-de-barro, Tico-Tico, Bem-te-vi, Papa-arroz na mangueira do quintal.../ Falar de Minas é encantar com o artesanato: bordados e rendinhas, vasos de barros, bonecas de palhas, chapéus de palha, cestas de fibras, colchas de retalhos.../ Falar de Minas é vestir pra missa do domingo “panin” de chita, conjuntinhos assentados e sainhas comportadas.../ Falar de Minas é comer pão-de-queijo biscoito de polvilho, broa de fubá, angu, taioba, torresmo e, à beira do fogão a lenha, arroz “branquin”, frango com quiabo, tutu com lingüiça.../ Falar de Minas é beber café no “canequim”, leite no curral, água na cuia e pinga no “copin”.../ Falar de Minas é correr entre montanhas, é gostar de gente simples, é rezar ave-marias, ser dançante no congado, é parar pra banda passar, é sentar na praça do Gaspar, é jogar conversa fora, é saber dizer uai.../ Falar de Minas é chegar à Capital: Igreja da Pampulha, Praça da Liberdade, Pirulito da Praça Sete, Parque Municipal, Palácio das Artes, Mineirinho e Mineirão.../ Falar de Minas é ler, olhar, ouvir, cantar, saborear, silenciar.../ Falar de Minas é descobrir, conhecer, gostar, apaixonar, amar.../ Falar de Minas é brilhar os olhos, rasgar sorriso no rosto e dizer: “Esse trem é bão demais”

A prática desenvolvida na escola de ensino médio, muitas vezes por meio de professores ou por alguns que não têm uma formação científica adequada, leva à busca do livro didático como única fonte dogmática de saber, o que os têm levado a fazer afirmações equivocadas, pois alguns conceitos são introduzidos na ciência sem uma avaliação crítica e contextualizada do seu significado. Por conseguinte, surgem afirmações na Geografia Escolar que incorporam uma gama de significados que se transformam “em verdade”; como é comum ouvir dos alunos as seguintes afirmações: “o professor disse que em Minas não tem montanhas” ou, ainda na lista de discussão de geografia, a seguinte pergunta: “existe ou não montanhas no Brasil?”, e a afirmação de algum colega: “é, mas em Minas não tem montanha, só tem morros”.

Existem diversas teorias [1] para explicar as macroestruturas do relevo terrestre, a classificação utilizada pela quase totalidade dos livros didáticos se referem: a montanhas como cadeias orogênicas recentes (Andes, Rochosas, Himalaia, etc); planalto: área onde os processos de desgaste superam os de deposição de sedimentos, planície onde os processos de sedimentação superam os de deposição e depressão: relevo mais baixo que o circundante. Assim, uma leitura feita sem a devida análise sistematizada do conhecimento, pode levar

a considerar que o Brasil não possui montanhas, pois seu território não apresenta efeitos diretos dos soerguimentos recentes do final do mesozóico e início do cenozóico como nos coloca Sene [2]:

“Montanha – cadeia orogênica, como a Cordilheira do Andes, do Cenozóico. No Brasil, existiram há bilhões de anos montanhas que ao longo do tempo geológico foram modeladas pelos processos exógenos, constituindo, provavelmente, o que hoje conhecemos como planaltos [2]”

Portanto, o conceito que alguns livros trazem e que é reproduzido pelos nossos professores é o de que em Minas não tem montanha, uai. Nossa! Acabaram com minhas montanhas! Com certeza, além de mim, o poetismo ficaria triste, porque as inspiradoras montanhas não seriam assim tão mineiras e estaria maculada uma das facetas da cultura de Minas. Que triste não, sô? Esta é uma leitura feita de forma descontextualizada do conceito, pois pode-se analisar as feições da superfície terrestre a partir de outras escalas microrelevo ou mesorelevo[1].

Leinz e Amaral [3], no clássico livro de geologia geral, dedicam o capítulo XVI, ao estudo das origens das montanhas. Os autores afirmam que montanha não é qualquer elevação que se destaca na paisagem e que ela é classificada de acordo com os tipos de força que a origina, podendo ser de natureza vulcânica, erosiva ou originar-se por falhamentos¹ ou por dobramentos². Este pensamento é reforçado por Guerra [1] no novo dicionário geológico-geomorfológico.

Assim, como o planalto de Poços de Caldas tem uma clara formação vulcânica, poder-se-ia chamá-lo de montanha. Diversas elevações da Serra da Mantiqueira e do Espinhaço são produzidas por falhamentos ou dobramentos registradas desde o período pré-cambriano; acompanhado por períodos erosivos de diversos

¹ encurvamento, de forma côncava ou convexa, que aparece na crosta terrestre, decorrente do tectonismo.

² Ruptura e desnivelamento na continuidade das camadas, ocorridos durante o movimento tectônico.

paleoclimas mais úmidos e mais secos, bem como de falhamentos recentes, como é o caso da Serra da Mantiqueira.

No caso da Serra da Mantiqueira, na qual Viçosa está inserida, as escarpas são formadas por falhamentos (Serra de São Geraldo) decorrentes de movimentos basculantes provocados pela orogênese Andina, que provocaram uma epirogênese na placa sul americana. Pode-se afirmar que sua origem é pré-cambriana e que sofreu um rejuvenescimento tectônico parcial por meio de falhamentos comprovados por sua hidrografia, devido à acentuada juventude erosiva [1].

Para Roos [4], a maior parte do território mineiro se encontra na área dos planaltos, em cinturões orogênicos, que são os planaltos e serras do Atlântico leste-sudeste e os planaltos e serras Goiás-Minas. São planaltos que se encontram em regiões de orogenia antiga e que correspondem a relevos residuais sustentados por litológicas diversas, quase sempre metamórficas, associadas às intrusivas. Nesses planaltos encontram-se inúmeras serras³, quase sempre associadas a resíduos de estruturas dobradas intensamente, atacadas por processo erosivo; logo, a associação desta área à existência de serras comprova a formação de uma área de montanhas, no dizer de Ab'saber [5] Mares de Morro.

O dicionário de Geografia de Pascaul Bad [6] traz uma definição de Montanha baseada em critérios mais sociais, tendo em vista a apropriação deste espaço natural pela sociedade por meio da técnica e de necessidades políticas especiais quanto aos cuidados com o ecossistema. Alguns países têm legislação para a definição de áreas montanhosas: na França considera-se um município de Montanha aquele que tem uma limitação das possibilidades de utilização da terra devido as condições climáticas; na Alemanha é fixado o limite dos municípios de montanha em 500 metros e na Suíça considera-se a duração de sua estação seca. Logo, a definição é baseada em fatores naturais e ambientais, pois estas áreas necessitam de uma ordenação espacial própria para suas características naturais e antrópicas.

³ Porção da superfície terrestre ligeiramente paralela entre si, representada por cristas altas e alongadas, que separam vales em sinclinais, ocorrendo também vales ou depressões anticlinais, resultado de processos erosivos [4].ex. Serra do Brigadeiro e Serra do Canta-galo.

No Brasil ainda não há uma legislação sobre o assunto, mas existem alguns conceitos sociais sobre montanha, como o conceito de Agricultura de Montanha [7], onde há várias regiões agrícolas montanhosas, principalmente nos Estados de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais (Zona da Mata e Sul de Minas), onde o sistema agrícola relativamente intensivo no fator trabalho, com composição de produção nas áreas mais planas, basicamente voltada para o mercado interno de alimentos básicos, e nas áreas mais montanhosas é muito comum uma composição de produção constituída de produtos importantes na pauta de exportação do País, tais como cana-de-açúcar e café.

Pode-se, pois, afirmar que Minas é repleta de Montanhas e que qualquer afirmação contrária não passa de falácia. Que alívio para os poetas e para a mineridade, mas esta discussão remete à necessidade de formação de professores do ensino básico que além de técnicos e com uma didática perfeita, sejam intelectuais, com uma consolidada formação científica para que sejam mais criteriosos e críticos com os conceitos desenvolvidos na sua prática escolar . Assim, falar de Minas é falar de muita coisa boa, entre elas correr pelas montanhas e “esse trem é bão demais!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1. GUERRA, Antônio. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997
- 2. SENE, Eustáquio. MOREIRA, Carlos. Geografia Geral e do Brasil , espaço geográfico e globalização.** São Paulo. Scipione, 2004.
- 3. LEINZ, Victor. AMARAL, Sergio Estanislau.. Geologia Geral.** São Paulo. Editora Nacional, 1989.
- 4 ROOS, Jurandyr (org). Geografia do Brasil** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- 5 AB´SABER, Aziz. Os domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas.** São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

6 BAUD, P. Dicionário de Geografia. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1999

7 LEITE, C.; TEIXEIRA, T. T. Agricultura de montanha. Viçosa-MG: UFV. 2000. (Mimeo.)